CONHECIMENTOS UTEIS.

ASSUCAR DA NOSSA TERRA.

946 Depois de prolixo disputar sobre as bondades ou ruindades do assucar — occasionador de grandes molestias, segundo uns; segundo outros, impedimento, lenitivo, ou remedio de quasi todas — callaram-se as disputas; e apologistas e criticos, todos ficaram egualmente por todo o mundo comendo assucar, bebendo assucar, perfumando-se com assucar, e até a miude curando-se com assucar. É porque esta droga é innegavelmente accommodadissima á nossa natureza; é o primeiro gôsto, que tomamos na vida antes do leite materno — na infancia, na puericia, e na adolescencia, o mais procurado regalo; e na velhice, um dos mais faceis e menos repugnados alimentos.

Assim como nem nas côrtes, nem nas cidades, nem nas aldêas se-póde vêr festim, em que o assucar não represente, assim como o assucar é uma das condições da arte do cosinheiro, e do pasteleiro, e o fundamento das casas de bebidas, e das confeitarias, assim é elle tambem condicção e fundamento de quantos manjares a natureza nos-apresta em seu banquete universal. Ella o derramou ás mãos cheias nos fructos de todas as partes do mundo, nas folhas e raizes nutrictivas das melhores plantas, e até nas flôres de infinitas. A cornocópia da primavera é, não menos do que o açafate do outono, um assucareiro disfarçado. Perguntai-o a tantos milhões de insectos, perguntai-o ás abelhas, a essas castas conserveiras, que similhantes ás religiosas moradoras dos ermos christãos, tantas doçuras vão fabricando no escondrijo de suas cellas — ¡que digo! — nos proprios aromas dos jardins e pomares, n'esse invisivel ramalhete do olfacto, que as virações andam desfolhando e derramando por toda a parte nos amenos dias, o assucar é tambem um dos subtís elementos de suavidade. Assim pois o assucar, um dos mais refinados condimentos da arte, é tambem o mais liberalisado na enfeitada meza, que á vóz de Deus, a natureza anda servindo aos volateis, aos quadrupedes, e aos homens. — Mas desçamos da poesia ao mundo palpavel: o consumo do assucar é universal, immenso, e ainda crescente; a tamanho ponto subiu a sua cultura, que ao seu preço hoje em dia já compete mui bem o louvor de moderado; é porque a sciencia entregou á industria um sem numero de plantas recheadas de assucar, naturaes e familiares dos nossos climas, faceis no trato, e na propagação copiosissimas: a canna que nas mãos d'America, e fecundada com o suor dos negros era um conductor poderoso de torrentes de oiro do mundo velho para o novo; a canna perdeu o seu privilegio exclusivo; a batarraba, as sinoilas, o nabo, e outras raizes inundaram os mercados d'este genero, e tão alvo e perfeito como o que de mão em mão e atravéz dos mares lhe-mandavam as duas Indias; a França, grande consumidora de assucar, não só o não compra, senão que já começou de o vender aos estrangeiros. Este exemplo merece que ponhâmos n'elle os olhos, não digo que para fabricarmos desde já assucar, mas para lançarmos contas e averiguar se tal fabrico entre nós desconviria.

¿Quanto é o gasto que estamos fazendo n'este genero? As alfandegas poderão talvez responder á pergunta; mas parece-nos que não exaggeraremos o lanço, suppondo que nos nossos tres milhões e trezenmil habitantes, um milhão usa de assucar; e que d'este milhão cada individuo só gasta por mez seus dois arrateis; temos na roda do anno gastos quarenta e oito milhões de arrateis, os quaes pelo baixo preço de quatro vintens representam um cabedal de tres mil oitocentos e quarenta contos; abatendo d'aqui vinte e cinco por cento que poderão ficar no Reino aos negociantes, alfandegas, etc. vem a saír d'elle annualmente por assucar dois mil oitocentos e oitenta contos ou septe milhões e duzentos mil cruzados! — outros mais fortes do que nós em statistica e economia que digam, se, presupposto verdadeiro este calculo, e feito outro calculo do que se perderia por consagrar a tal fabrico a terra, e braços applicaveis a outro, ou outros, conviria, ou não a tentativa; sôbre esta materia que é importante devêra o Governo, por via das corporações scientificas mandar escrupulosamente examinar o que poderiam produzir em cada porção dada nos terrenos de cada provincia a batarraba, a sinoila, o nabo, a abrótea (vede o nosso artigo 497) e a canna do milho (já apontada para o effeito em o nosso artigo 48), etc., etc., etc.

Tudo quanto acabâmos d'escrever nos veio suggerido por uma noticia recémchegada dos Estados Unidos ácerca da canna do milho, e já aqui publicada por outros jornaes sem comentario, nem applicação alguma.

Em a nova Orleans se fez a experiencia do assucar do milho em ponto grande; ao sumo do milho achou alli o assucarómetro de Beaumé dez gráus. O assucar d'este sumo é cinco vezes mais que o do sumo da batarraba, e tanto, com pouca differença, como o da canna d'assucar d'aquella mesma região; deu 16 $\frac{2}{3}$ de melaço christalisavel. De uma geira de milho apuraram-se 1159 libras de assucar. Eis-aqui agora excellencias incontestaveis do milho a respeito da canna do assucar: 1.ª colhe-se 70 ou 80 dias depois de semeado, emquanto a canna requer por largos dezoito mezes continuação de trato e desvelos: 2.ª á conta de mui tenro que é, não requer tantas forças para ser exprimido, e quaesquer moinhos ou prensas mui simplices lhe-bastam.

Uma observação que lá se-fez, e que não deixaremos de apontar para os curiosos, se os ha ahi, que se-resolvam a experimentar, é, que no milho creado para assucar convém arrancar a massaroca assim como se-vê que vem despontando, porque a seiba que em n'as crear se-esperdiçaria, concentrada na hastea se-converte em sucos e augmenta sobremodo a quantidade e fineza do assucar.

Mas sobre isto bem será que saibamos o que se-provou na Academia das sciencias de París em uma sessão do passado septembro.

Biot tinha inventado um instrumento efficacissimo de investigação — a extensão de desvio para a direita ou para a esquerda, que padece um raio de luz polarisada atravéz de certas dissoluções chimicas, fez elle com que se tornasse um admiravel e precioso meio de analyse de que as sciencias hão-de infallivelmente ir sacando grande proveito, porque

este maravilhoso phenómeno, que se effeitua nas profundezas do estado molecular dos corpos, faz instantaneamente conhecer, não só os agentes chimicos que estão em dissolução, senão tambem precisamente a proporção em que se ahi acham.

Ora pois, submetteu *Biot* á experiencia comparada da polarisação circular os sucos clarificados da canna do milho, que se-tinha deixado livremente fructificar, e os sucos de outros pés da mesma planta a que se-haviam a tempo capado as flores femeas; e demonstrou que o suco das ultimas continha onze por cento de assucar christalisavel como o da canna da America, ao passo que o das primeiras só continha, pouco mais ou menos, nove.

O mesmo auctor diz, que no caso em que a experiencia, que é, em taes materias, a verdadeira mestra, chegasse a provar que o assucar do milho é feitorisavel, e póde entrar em concorrencia com seus outros irmãos mais velhos, grandes vantagens levaria este, agricolamente fallando, á batarraba: taes como o deixar livre a terra para as sementeiras de inverno, etc., etc., etc. Finalmente adverte, que vista a pequena differença que tem na quantidade do assucar os milhos capados dos inteiros, não valerá a pena da operação que de mais a mais deve ter o desconto da substancia, que por essas feridas se-ha-de necessariamente extravasar.

Ao mesmo tempo que na America do Norte e em París se-tractava de augmentar o assucar pelo milho, o acaso descobria na Africa mais assucar n'um fructo silvestre. Os figos da *figueira do inferno*, planta das regiões ardentes, mas que vem e prospéra com summa facilidade em quasi todo o nosso Portugal, abunda nos arredores de Argel. Davam n'elles os soldados francezes com grande furia; as casas e ruas alastravam-se de cascas; o calor as apodrecia: para evitar alguma damnosa corrupção nos ares determinou-se que se-fossem lançar em monte todos aquelles despojos fóra da cidade. Pouco depois passa o general De Lamoricière pelo sitio, e observa um estranho phenómeno — o montão das cascas de figo está coberto de uma efflorescencia alvissima. Corre a examinal-a, e acha assucar do mais fino, e perfeitamente christalisado.

A explicação do facto, segundo o general, é esta: a força do sol evapora a parte aquosa, e obvía totalmente á fermentação, por modo que nos póros do parenchyma só fica a materia sacharina estreme; pela mesma fôrça do sol encorrêam-se, e apertam-se as partes vegetaes, expulsando de si para a superficie todo o assûcar entranhado.

Attenta a abundancia d'estes fructos n'aquella região, calcula-se que, se, em logar das cascas, se-empregar o fructo completo, partido em quatro, poderão ter assucar a dois vintens o arratel.

Pareceu-nos conveniente apontar tambem este descobrimento, porque a *figueira do inferno*, que de hoje em diante se-poderá chamar do paraiso, dá-se bem com os nossos ares, contenta-se com qualquer terra, e sobre tudo não requer tracto.

Recommendamos a todos nossos leitores a mais sizuda attenção para o artigo seguinte:

ENCYCLOPEDIA.

947 A Encyclopedia emprehendida por dois grandes talentos do decimo oitavo seculo, Diderot e d'Alembert, marca uma das principaes épochas da civilisação franceza; isto é, da civilisação que, a despeito dos esforços contradictorios dos discipulos de Domingos e Loyola por um lado, e dos de Luthero e Calvino por outro, fazia, a passos largos, a conquista da Europa.

Ponhamos de parte, se queremos ser imparciaes e justos, os erros que a fragilidade humana derramou ao longo da carreira d'estas tres legiões rivaes que, á porfia, trabalharam no desenvolvimento da razão e na cultura da moral; forçoso será confessar que a todas ellas devemos, nós outros seus herdeiros, quantos elementos possuimos da boa e verdadeira civilisação.

D'este grande progresso nas sciencias, artes e costumes pede a justiça que attribuamos grande parte á Encyclopedia de que acabamos de fazer honrosa menção.

Isto não é dizer que aquelle descompassado deposito dos conhecimentos humanos, no estado em que elles se-achavam nos primeiros dois terços do decimo oitavo seculo, contenha idéas novas ou que se-deva tomar como modêlo para qualquer trabalho do mesmo genero, que se-haja de emprehender. O seu grande merecimento consiste em ter espalhado pela classe media e abastada, mas não litterata, da sociedade, o gosto da leitura, e a moda de discorrer, com mais ou menos pertinencia, em quaesquer assumptos sobre que a cada um ficava facil de adquirir, sem grande trabalho, as noções essencialmente necessarias para não parecer n'elles inteiramente hospede. Esta mesma superficialidade fazia com que todo homem de educação se-envergonhasse de não poder tomar parte nas conversações que sobre diversos ramos das sciencias ou das artes, costumam occorrer nos ajunctamentos das classes superiores da sociedade.

Os homens, que n'estas classes se-quizeram distinguir entre os seus pares, felicitaram-se de achar para isso um meio, tão facil como agradavel, na cultura das sciencias e artes; quer fosse affectando, com o soccorro da Encyclopedia, uma generalidade de idéas que lhes-dava a apparencia de homens d'estado; quer desinvolvendo os principios consignados n'aquelle grande armazem dos conhecimentos humanos.

Assim descendo os poderosos da terra ao nivel dos sabios, dos artistas, e dos artifices, se-ennobreceram aos seus olhos aquelles mesmos elementos da civilisação humana, que elles só desdenhavam, porque os não conheciam ou porque n'esse desdem achavam o unico meio de encobrirem o pejo de os-ignorarem.

Taes são os grandes serviços que a Encyclopedia do decimo oitavo seculo fez á humanidade: serviços que, seria injusto considerar como inteiramente extinctos pelos erros que ella contribuiu a diffundir pelas classes mediocremente illustradas da sociedade.

D'este ponto de vista, d'onde sempre havemos considerado o merecimento da Encyclopedia franceza, brotou em nosso animo, de muitos annos a esta parte, o desejo de convocar os sabios, artistas e artifices da nossa terra para elevarem entre nós um similhante monumento á civilisação da gente portugueza.

Estes patrioticos votos não teem cessado de accen-

der-se mais e mais, á medida que, na succesão dos tempos, temos visto realisar-se uma similhante idéa em todas aquellas nações que, como se-costuma dizer, vão á frente da civilisação do mundo.

Não obstante haver-se começado em todas ellas, por censurar asperamente os innegaveis defeitos da Encyclopedia franceza, em nenhuma parte se-desconheceram as vantagens que, para a diffusão dos conhecimentos nas classes superiores da sociedade, devia produzir a publicação de uma similhante obra, em que era tanto mais facil evitar os defeitos d'aquelle modelo, quanto elles eram conhecidos e assignalados.

Não será difficil, a quem ler este artigo, entrever os motivos que até agora tornavam impossivel entre nós, até a proposta de um tal projecto. Hoje porém que se-acha removida a maior parte dos obstaculos, que outrora teriam baldado os esforços de quem quer que a isso se-abalançasse, seja-nos licito convidar os homens de bom saber e de séria vontade, quaesquer que sejam suas opiniões, sua edade, ou sua condicção social, para tentarem esta importante e patriotica empreza.

Se ao illustrado publico parecer que ella é digna de ser por elle favorecida, aventurar-nos-hemos a expor em um ou mais artigos as idéas, que havemos concebido, tanto sobre o plano, como sobre os meios de levar a execução esta obra verdadeiramente nacional, que desejariamos se-intitulasse, e fosse na realidade, uma *Encyclopedia Portugueza*.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Continuado da pag. 37.)

948 No ultimo artigo que escrevi sobre esta materia, mostrei de corrida e por exemplificação, que não seriam mais de 239,013 os educados em Portugal, ou que haveria 1 litterato por cada 13 illitteratos, ou que d'entre cada 100 pessoas 93 não tinham sido educadas. Estou persuadido, por não dizer de todo convencido, que (não obstante a penuria que esta proporção por décadas, em logar de annos, mostra) ainda encareci muito a realidade do nosso haver litterario, attendendo a que em 1838 ainda os alumnos das eschólas primarias, pagas pelo thesouro, não eram mais de 26,080, e os das eschólas secundarias sómente 1,059; havendo portanto que abater para mais de 10,200 educados em alguns dos annos, no termo recorrente de 60,620 que adoptei, para todos os 54 annos na conta geral que fiz. A recente creação de muitos dos nossos actuaes estabelecimentos d'instrucção, especialmente das eschólas primarias que não havia, não póde deixar no nosso espirito o minimo escrupulo sobre a justiça d'este abatimento. E' verdade que por encontro a este, para não ommittir coisa alguma, não está incluida a Polytechnica de Lisboa, mas como ella não publica a sua statistica, não a-pude eu incluir, o que pouco houvera assim mesmo alterado o resultado.

A barbarie ou civilisação de um povo, creio eu que ninguem o-ha-de negar, marca-se pelo menor ou maior cuidado com que o homem tracta da condicção do sexo feminino. Se formos avaliar por esta regra a nossa civilisação, não póde ella ser mais deploravel. Poucos ou quasi nenhuns documentos officiaes temos, (o que é uma prova mais do esquecimento e despreso em que está tida a sua educação) das alumnas que frequentam as aulas primarias que são por assim dizer as unicas, que em Portugal estão accessiveis á sua entrada. As mestras que figuram no orçamento de 1841-1842 são 42. Este numero, ainda que todas ellas tenham 34 discipulas, que na relação dos discipulos para com os mestres é o termo medio, não deita a mais de 1428 discipulas.

Nós com razão achámos apoucado o numero de homens a quem se-dá instrucção; ¿que se-dirá então da que se-ministra ao outro sexo, no qual, por ser 6 por 100 mais numeroso, não haverá menos de 1,750,000 almas? Nada se-póde dizer senão que a triste da mulher, infeliz por natureza, mais infeliz por falta de arte, e destituida assim de todo o aperfeiçoamento, sem luzes para poder tomar uma parte intellectual e deliberativa nos negocios e interesses da familia, é reduzida geralmente pelo homem do campo, grande abusador da força bruta, a carregar á cabeça, lidar, envelhecer, e destruir-se nos trabalhos mais rudes; não prestando nos intervalos senão para a procreação.

Na America do Norte, o estado de Massachusetts, que não tem mais de 696,197 almas, segundo uma relação publicada o anno passado, contava 3,928 mestras para educar meninas ¡que differença esta!

Ponderada a escacez da instrucção publica em geral, e a sua falta, por assim dizer, absoluta para a população feminina, convém observar a sua distribuição pelos districtos do nosso territorio. Principiaremos, tractando da instrucção primaria; e para o fazer com mais clareza formaremos um mappa, em que entrem os districtos, sua população, alumnos, mestres, etc.

Districtos Administrativos.	População.	Custo em réis da Instruc. prim.ª	Alumnos: Instrucção primaria.	Mestres ou cadeiras providas.	Quota dos alumnos pela população.	Quota pelo custo.	Quota ordenados Mestres.	Quota dos alumnos pelos Mestres.
Vianna	179,112	3.506$666	2,017	44	1 em 84	3$506	79$696	45
Braga	292,486	6.836$666	4,049	74	1 » 73	1$709	92$387	54
Porto	349,848	7.310$000	2,801	72	1 » 116	2$611	101$527	38
Villa-Real	178,144	5.216$666	2,719	67	1 » 65	1$932	77$860	40
Bragança	125,771	5.036$666	1,993	56	1 » 66	2$518	89$940	35
Aveiro	228,710	5.846$666	2,978	63	1 » 78	2$016	92$804	47
Coimbra	239,606	6.726$666	1,857	67	1 » 133	3$737	100$398	27
Vizeu	294,703	9.636$666	3,894	123	1 » 77	2$470	78$346	31
Guarda	198,310	7.826$666	2,678	86	1 » 77	3$010	91$007	31
Castello-Branco	130,787	4.646$666	1,238	43	1 » 108	3$872	108$063	28
Leiria	126,862	3.776$666	1,151	35	1 » 115	3$433	107$904	32
Santarem	145,375	4.316$666	935	43	1 » 155	4$616	100$387	21
Lisboa	411,765	14.080$000	2,936	108	1 » 142	4$855	130$370	27
Portalegre	82,398	3.776$666	861	36	1 » 95	4$385	104$907	23
Evora	82,581	2.606$666	784	22	1 » 105	3$324	118$484	35
Béja	105,318	3.326$666	828	33	1 » 127	4$017	100$808	25
Faro	128,224	2.576$666	415	16	1 » 308	6$207	161$041	26
	3,300,000	97.049$990	34,134	988	1 » 97	2$854	98$230	34

Por este pequeno mappa, que deve ser muito consultado pelos nossos legisladores e por todos, assim como geral-

mente os artigos em que n'este jornal irei tractando da instrucção publica, póde-se reconhecer, que se-havia grande fallencia na quantidade da instrucção primaria do reino, não menos defeito ha na sua distribuição. O mais bem dotado districto (Villa-Real) fez uma differença do menos dotado (Faro) de perto de 1 em 5. Isto é, emquanto no Algarve ha em cada 78 familias 1 menino que aprende a lêr á custa do estado, ha em Villa-Real 1 por 15 familias.

Não pareçam estas equações sociaes de pouca importancia. Um dos perigos que mais assustam os Estadistas pela dissolução da União Americana, é o menor desinvolvimento que vão tendo os seus estados do sul, em comparação dos do norte, que assim virão a ter no seu congresso dentro em pouco uma maioria permanente natural, que sobrepujará constantemente as do sul, que não poderão deixar de se-resentir no fim d'esta inferioridade e tractar de sacudir o jugo, separando-se das outras; e mais sendo as do sul as que deram o primeiro grito da liberdade n'aquelle continente, e produziram todos os grandes homens, que tem immortalisado aquel a republica, nomeadamente Washington e a maior parte dos presidentes.

Outro grande mal que por esta tabella se-descobre, é o horroroso custo porque sáe o ensino. Chega no Algarve a ser 6$207 réis por menino, e no districto aonde custa menos, que é o de Braga, importa em 1$709 réis. Por um relatorio publicado pelo ministro da instrucção em França o ensino primario, incluindo diversos estabelecimentos normaes, era 800 réis por alumno. A sua carestia entre nós vem certamente da falta de eschólas de ensino mutuo, que é preciso estabelecer. E' desenganar, na arte de curar ha operações e remedios de uma repugnancia e terror summo para o paciente, entretanto ha-de passar pelo tractamento prescripto pela sciencia para poder salvar a vida. Assim é em todos os problemas de administração: havemos de adoptar as regras que se-inventaram para os-resolver. Não ha ahi que pretender substituir-lhe o empirismo. E' tão possivel com os nossos methodos actuaes educar a mocidade portugueza, como é possivel á fabricação manual competir com a mechanica, ou com as hordas da meia edade dar batalha ás columnas cerradas de um exército moderno.

A instrucção primaria no districto de Lisboa jaz áquem das de todas as outras capitaes da Europa. Em nenhuma d'ellas ha só 1 menino por 142 almas, como cá, onde, com esse só, se-dispendem 4$855 réis, e com os mestres 130$370 réis, cabendo 27 alumnos a cada mestre. Acaba de se-publicar a statistica dos salarios dos mestres em França, os menores são 48$000 réis, os maiores que são na sua capital, não passam de 192$000 réis. A modicidade que elles apresentam nos departamentos provinciaes, ou ruraes, provém da barateza dos víveres, que nós queremos bem caros para fazer a nossa prosperidade, que nos mais ramos vai regulando o mesmo que regula n'este, em que é comtudo indispensavel mudar de doctrinas, porque sem instrucção segundo correm as idéas do seculo em que vivemos, não ha estado. Massachusetts com 696,197 habitantes tem 136,788 alumnos nas eschólas, e não se-dá ainda por satisfeito ¿o que faria se-tivesse, como o districto de Lisboa, 411,765 habitantes, e só 2,936 alumnos?

C. A. da Costa.
(Continuar-se-ha.)

CONTADOR OU APONTADOR MECHANICO PARA AS FABRICAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM.

949 Inventou o machinista francez *Saladin* um ingenho que per si vai registando o trabalho das machinas; e por onde a final se-averigua se os obreiros d'ellas encarregados fizeram ou não toda a sua tarefa: este fiscal economico e mui simples, já nas fabricas de França começou de ser empregado (e muito bem que se-vão dando com elle os donos!)

Como esta noticia não ha-de importar senão a pouquissimas pessoas, em vez de gastarmos o tempo em descripções insufficientes sobre tediosas, por melhor concelho temos remetter os interessados para o *Recueil de la Société Polithechnique*, onde acharão na materia explicações que os-satisfaçam.

Mas porque esta novidade estrangeira nos-parece coincidir com um invento portuguez, feito não ha já poucos annos, do qual raros dos nossos leitores terão noticia; justo é que o memoremos, qual nol-o contou pessoa de todo o crédito; que ainda alcançára o auctor, e com elle tivera particular trato de amizade. — Era este um ex-jesuita, (cujo nome nos-passou) grande mathematico, e machinista admiravelmente inventivo. A egreja de Avellãs, onde veio a acabar prior, obtivera-lh'a da Sr.ª D. Maria I o marquez de Marialva, que em reconhecimento de gratidão, recebeu do bom padre o mimo de uma sege por elle ideada e executada com originalissima industria. — Havia dentro na caixa um mostrador de cada lado, que indicavam ao viajante assim o tempo gasto, como o espaço percorrido. — Um d'elles era um relogio; mas o outro por via de um jogo de rodas, cujo movimento primario provinha da rotação do proprio eixo da sege, revelava, á justa, quantas léguas, milhas e passos eram andados. D'esta sorte, acordando no seu passeio depois de uma regalada sésta, n'um relance de olhos sabia o fidalgo, não só ás quantas andava, senão tambem onde estava, fosse qual fosse a diligencia ou preguiça com que o seu cocheiro o-tivesse conduzido.

E perguntaremos nós muito encolhidamente ¿não serviria uma carreta similhante para a medição exacta dos caminhos? ¿E não poderia tambem este mesmo systema, em a navegação supprir muito vantajosamente a barquinha, pondo a rodagem do mostrador em jogo com uma roda, que girasse na agua, como são as do vapor?

PHARMACIA.

950 Tivemos occasião de lêr o Codigo explicado dos Pharmaceuticos, ou Commentario ácerca das Leis e Jurisprudencia em materia pharmaceutica, do sr. *Laterrade;* traduzido, e accrescentado com a Legislação Portugueza respectiva, pelo sr. *Francisco Bernardo dos Santos*, pharmaceutico na cidade do Porto.

Esta obra, cuja versão dá um volume de 8.º francez, de 400 paginas, impresso no Porto em 1841, é, quanto a nós, de bastante utilidade, não só pela conhecida vantagem das leis, que encerra; mas tambem pelo excellente commento que as-segue, onde imparcialmente são desinvolvidas, apontando-se o que n'ellas vai digno de adopção ou rejeição; interesse que ainda se-augmentou com o additamento das leis relativas aos pharmaceuticos portuguezes. Este ultimo trabalho, que mostra o zêlo e interesse que o auctor consagra ás coisas patrias, e á classe, a que pertence, dar-lhe-ha jus á publica estimação.

Bem desejáramos nós fazer uma anályse, mas que fôra succinta, d'este escripto; fallecendo-nos porém o tempo, e, o que peior é, fôrças e cabedal, contentar-nos-hemos com dizer, que mui defectiva é aqui a legislação patria, mormente comparada com a franceza; porque alli, além de outras, está a lei de 21 de *germinal*, do anno 11, organisando as eschólas especiaes de pharmacia, e determinando que os droguistas e especieiros não possam vender composição ou preparação alguma pharmaceutica, sob pena de pagarem 500 francos: — a de 27 de septembro de 1840, reformando as sobredictas eschólas, na qual se-ordena, que sejam ellas parte da Universidade; que alli se-ensine Physica, Chymica, Historia-Natural-Medica, Pharmacia e Toxicologia: e, emfim, que nenhum candidato seja admittido a exame para pharmaceutico, sem ter gráu de bacharel.

A' vista d'estas leis, e de muitas outras que apontaria-

mos, se não receáramos ser enfadonhos, com mágua o confessâmos, se-demonstra a apoucada consideração, e deploravel atrazo da pharmacia portugueza, ou, mais precisamente, dos meios que tanto contribuem para a conservação da vida; e, por consequencia, a justiça dos fundamentos, com que a benemerita sociedade Pharmaceutica Lusitana já requereu ás Côrtes o decretamento, de algumas d'aquellas e de outras mais disposições.

Concluiremos, fazendo fervorosos votos para que, objecto de tanta monta, seja attendido, como convém ao allivio da humanidade enferma, á glória da pharmacia portugueza e ao credito d'este reino.

José Dionizio Corrêa.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

1º de Novembro de 1682.

951 Se ás angustias dos presentes tempos quisessemos accrescentar dolorosas recordações, boa occasião tinhamos hoje com a data do 1.º de Novembro, se a referissemos ao anno de 1755. Mas não: antes queremos retroceder um seculo, e fazer reviver na memoria de nossos leitores um d'esses portuguezes de têmpera velha, que com a penna, e com o conselho souberam honrar, e amparar a patria em tempos, não menos calamitosos, que estes nossos. — Fallamos de Antonio de Sousa de Macedo. — Poucos dias ha, é verdade, que em outro jornal saíu um epitome de sua vida. Que importa? De um homem, como Antonio de Sousa sempre ha muito que dizer; e desse muito escolheremos nós um pouco para o presente dia.

A sua habilidade diplomatica é louvada por todos, e mais o fôra ainda se gozasse do beneficio da luz publica a grande collecção de cartas autographas, escriptas por elle de Londres ao Conde Almirante, nosso embaixador em Paris, nos annos de 1642 a 1645, e que á vista temos.

A sua energia e brio na defensão da inviolabilidade do legitimo soberano, de quem era Secretario de Estado, poderá conhecel-a quem comparar as arguições de seus adversarios na *Catastrophe de Portugal*, e no *Portugal Restaurado*, com os logares parallellos da *Deducção Chronologica*, e outros documentos (ainda ineditos) daquella épocha.

Não repetiremos o extenso catalogo de suas obras nos varios ramos da jurisprudencia, e litteratura. Só faremos especial menção de uma dellas, provavelmente hoje perdida, e que, apezar disso, pela novidade e originalidade do assumpto é acredora de ser conhecida pelo modo possivel. Foi abafada á nascença, sendo-lhe denegadas as licenças para a impressão. Era um volume manuscripto, em latim com titulo que dizia (*) = *Tractado analitico da remuneração que o Principe deve aos serviços dos vassallos, e da acção que a estes compete pelos mesmos serviços* = A *Bibliotheca Lusitana* transcrevendo seccamente o titulo, mostra não ter do livro outra noticia. Nós porém daremos a que alcançámos de uma das censuras, que lhe denegou a licença, e cujo autographo tambem temos pesente.

De duas partes se compunha a Obra. Na 1.ª assentava o auctor uma conclusão geral, que por todos e quaesquer serviços, feitos pelos vassallos aos Principes, podem ser estes obrigados em juizo contencioso, por resultar obrigação efficaz, e se dar acção directa aos vassallos para poderem demandar aos Principes. Na 2.ª sustentava que contra os mesmos Principes se dá acção pela estimação dos bens, que depois de serem doados em remuneração de serviços, foram tirados por algum terceiro. E tudo fundamentava com pricipios de direito divino, natural, das gentes, civil, canonico, politico, e portuguez.

Eis a doutrina do livro, que não podemos duvidar seria a do *progamma* do auctor, se os Secretarios de Estado daquelle tempo usassem a moda dos *programmas*. Se o livro porém se perdeu, e com elle alguns paradoxos, que porventura conteria, permaneceu com tudo, como verdade eterna, o pensamento fundamental, que presidiu á sua composição = *Justiça e mais justiça* = tal é a licção, que nos queria deixar estampada o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo.

J. H. da Cunha Rivara.

(*) Tractatus analyticus de servitiis vassallorum remunerandis a Principe, et actione pro eis competente.

A BATALHA DO CHRYSUS.

711.

(Fragmento.)

(Continuado de pag. 55.)

952 Depois de largo combater o rei godo coberto de feridas, caiu moribundo aos pés de Tarik, cujas armas rotas por golpes tremendos, e tinctas em sangue de seu dono, testimunhavam que o braço de Ruderico fôra robusto, e o seu coração generoso. O throno de Theoderik não acabára cuberto de infamia: edificado e erguido n'um campo de batalha era n'um campo de batalha tambem, e sobre o cadaver despedaçado do derradeiro monarcha dos wisigodos, que a mão do Senhor lhe-escrevia a ultima pagina da historia de sua tempestuosa existencia.

Tal fôra a origem do doloroso espectaculo, que de longe o cavalleiro negro contemplára. Vendo jazer assim no meio de mortos e moribundos o cadaver do rei da Hispanha, e as tiuphadias escolhidas fugirem desbaratadas, o nobre guerreiro sentiu que a ultima hora do imperio godo batera, e as lagrimas da amargura orvalharam-lhe insensivelmente as faces.

Mas porque não se-atira elle para morrer a essas ondas dos esquadrões vencedores que rolam furiosas para o lado do Chrysus? Porque, similhante á pedra arrojada pelo fundibulario, rodea a todo o correr do seu valente murzello o turbilhão dos arabes, e procura passar além d'elles sem fazer conta das frechas que vem empenar-se-lhe no escudo, ou retinir-lhe na torva armadura? E' que o pendão de Theodemiro caiu! Quem sabe se ao pé d'elle jaz em terra o duque de Corduba? O cavallareiro negro vae para o salvar ou vinga-lo.

Unidos Theodemiro e Pelaio, com as espadas nuas nas mãos e tinctas em sangue d'infieis, tinham em vão tentado reter os godos na sua precipitada fuga: a noticia da morte de Ruderico espalhada rapidamente havia acabado de prostrar os animos, abalados já pela traição dos filhos de Witiza e do Metropolita de Hispalis. O terror que se-apossára dos godos

não conhecia limites, e os dois guerreiros eram, mau-grado seu, arrastados pelas tiuphadias desordenadas. Quando o desconhecido, ultrapassando a dianteira dos arabes, chegou ás ribas do rio, os fugitivos apinhados nas estreitas pontes lançadas na vespera atravez da corrente, começavam a espalhar-se na margem opposta redemoinhando como o fumo que resfolga de tubo estreito e se-dilata tortuoso ao sopro do vento. Na extremidade de um daquelles passos vacillantes, Theodemiro e Pelaio tentaram ainda reter os godos. Alguns cavalleiros pararam á sua voz; mas esse ultimo signal de esforço só produziu maior ruina. O campo golfava para alli torrentes de soldados que se-precipitavam atterrados vendo o approximar dos vencedores, e a mó de cavalleiros e peões recalcada entre um e outro extremo, fazia gemer e curvar-se a fragil machina da ponte. Um ruido horrendo de madeiros que estouram reboa de subito nos ares, e responde-lhe um gemido indisivel, d'agonia composto de muitos gemidos: o chão foge debaixo dos pés dos godos: as aguas do Chrysus espadanam em cachões; abrem-se em vasto abysmo sob os milhares de corpos que se-attufam n'ellas. Por alguns momentos o topo despedaçado da ponte que se-pendura sobre a corrente, é uma catadupa medonha d'homens armados, que se-impellem uns aos outros, e debalde buscam firmar-se na aresta do despenhadeiro. Os dois capitães separados pela largura do precipicio erguem os olhos ao ceu, porque nem elles podem soccorrer os desgraçados, nem para estes é talvez possivel nenhum soccorro. Rareado o numero dos que cubriam o lanço da ponte, que ainda resta, a torrente cessou de os-engolir; mas os sarracenos estão proximos, e os mesquinhos terão de escolher entre acabarem ás mãos dos arabes, ou precipitarem-se no sepulchro de seus irmãos.

Fôra n'este momento tremendo que o cavalleiro desconhecido chegára. N'um volver d'olhos percebeu tudo. Theodemiro estava salvo; mas aquelles que morte inevitavel ameaçava por todos os lados eram christãos e godos. Com a sua voz de trovão bradou a Theodemiro. »Adeus, duque de Cordova!« Depois esporeando o ginete para a entrada da ponte e com a borda ensanguentada nas mãos esperou a chegada dos arabes.

Todos os que d'além do rio ouviram a voz do cavalleiro negro, e observaram a sua resolução generosa sentiram subir-lhes ao rosto a vermelhidão do pudor. Um unico homem ia arrostar com a furia dos vencedores para arrancar alguns centenares de desgraçados da borda do sorvedouro que lhes-murmurava e escumava debaixo dos pés, e que aliás brevemente os-tragaria, precipitados pelos arabes. Fôra infame desamparar aquelles que um só cavalleiro tentava ainda defender: aos fugitivos godos faltou o animo para tal extremo de covardia. Theodemiro foi emfim ouvido. « Salvae ao menos o cavalleiro negro! — exclamou o nobre guerreiro em cuja voz afogada se-misturava a dôr com a vergonha e a cholera: — salvae o mais valente pelejador d'Hispanha, aquelle que n'este dia fatal ainda se não cubriu d'opprobrio, como vós desgraçados que deixaes de ter liberdade e patria; que trocaes o ferro da espada pelo ferro dos grilhões. Servos dos arabes, salvae o ultimo dos cavalleiros godos! «

Proferindo estas palavras o duque de Cordova viu orvalhadas as faces dos poucos soldados, que o rodeavam com lagrimas silenciosas. Estes soldados que assim choravam eram pela maior parte veteranos da guerra cantabrica: eram os restos das derradeiras glorias do imperio, que espirava. E elles cravaram os olhos humidos no guerreiro, e depois volveram-nos para a corrente do rio que passava impetuosa. Parecia dizerem mudamente: « como podemos salval-o? »

Theodemiro apontou com a espada para a carriagem do exercito, deixada além do rio na noite que precedêra o combate.

Brevemente uma vasta jangada, impellida por braços robustos, cortava a veia da agua e ía topar com o fragmento da ponte que ainda se não tinha desmoronado.

Era tempo. Mugueiz el-Rumi e Juliano á frente dos corredores do deserto, e dos soldados da Tingitania haviam accommettido o cavalleiro negro. Girando em volta de si a borda ferrada, cujas largas puas se-cravavam nos membros dos que o cercavam, como as navalhas dos eculeos romanos nos membros pisados dos martyres antigos, o desconhecido ía levantando um muro na entrada da ponte com os cadaveres dos mosselemanos e dos seus alliados. Entretanto os godos apinhados atraz d'elle, animados pelo exemplo, despediam setas, e vibravam as carteias agudas contra os seus perseguidores.

Este momentaneo esforço desvaneceu-se, porém, apenas a jangada topou com o fragmento vacillante da ponte. Os soldados arrojaram as armas e precipitaram-se para aquellas mal unidas taboas, que lhes-traziam a vida. Nem um só restava já. Então o temor, essa paixão mais que nenhuma egoista e ingrata os fez commetter uma atroz infamia. Os lóros com que a jangada havia sido sogigada ás traves mal seguras da ponte, foram cortados, apesar das ameaças e supplicas de Theodemiro, que corria como louco pela margem opposta, de um para outro lado. A jangada derivou pela corrente do rio, e seguiu o seu curso tortuoso, até que longe, muito longe, foi entestar com a terra, que devera repellir os miseraveis, a quem a covardia convertêra em assassinos d'aquelle que para os salvar se-offerecera á morte, que parecia inevitavel.

Mas o cavalleiro negro a pé e desamparado pelejava ainda! O robusto murzello cansado do combate de um dia inteiro, cuberto de feridas, caíra privado de alento debaixo de seu dono. A pé, e com as armas despedaçadas, o guerreiro não era todavia menos terrivel, e poucos ousavam approximar-se do vallo de cadavares que se-erguia em roda d'elle. Anjo ou demonio, o desconhecido parecia o genio do imperio godo, cerrando ainda as portas da Hispanha ao exercito victorioso do Islam.

Com as espadas em alto dois guerreiros se-arremessaram contra elle; godos ambos pelo trajo e armas; ambos mancebos e gentis. Na juventude, quando o coração se-abre a todos pensamentos generosos; debaixo de tão formosos gestos que parecem espirar a candidez, porque estão assignadas já essas almas com o infame ferrete d'inimigos da patria? É porque uma paixão má lhes-passou pelo animo, e escondida, e recalcada, ahi por muitos annos lavrou.

como incendio abafado, e queimou todos os sanctos e nobres affectos. A vingança! Foi a vingança que os-perdeu. São os dois filhos de Witiza: são Sisebuto e Ebbas que assim accommettem o derradeiro defensor da terra onde nasceram, e onde o ciume dos seus fataes alliados não lhes-concederá algum dia nem o breve espaço da sepultura.

» Filhos de Witiza — clamou o cavalleiro negro — não arranqueis a espada contra quem não póde derramar o vosso sangue, porque é para mim sacrosancto. Amei vosso pae, como amo esta desgraçada terra d'Hispanha. Devo á sua memoria quanto a um homem póde dever outro homem. Vedes os que ahi dormem para sempre? Miseraveis! vós dormíreis com elles, se esta maça d'armas se-erguesse de novo. Mas não serei eu que vos-tolha o irdes plantar o estandarte dos pagãos sobre os ossos de vosso pae, para que elle do seu tumulo vos-amaldiçoe, como em nome de nossos avós vos-amaldiçoa o gardingo, e em nome de Christo vos-amaldiçoa o presbytero. Eurico vos-amaldiçoa: lembrae-vos d'Eurico! «

Dictas estas palavras, que reboaram como o estampido da procella, a borda ensanguentada do guerreiro volteou nos ares, e sibilando por cima das cabeças dos dois mancebos foi sumir-se no meio dos esquadrões arabes. Depois, rapido como um relampago, o cavalleiro negro chegando á extremidade de uma das traves despedaçadas precipitou-se na corrente. Á luz do sol que se-punha viu-se-lhe umas poucas de vezes reluzir o elmo alongando-se pela superficie das aguas, e desapparecendo por largos espaços. As trevas que desciam já densas, e a impetuosidade da corrente que o arrastava, não permittiram prever-se qual seria a sua sorte. Eurico era a ultima e tenuissima esperança que bruxuleava nos horisontes do imperio godo: como uma estrella cadente que se-immerge nos mares, aquelle esforço brilhante se-desvanecêra nas aguas tenebrosas do Chrysus!

A. Herculano.

CARTA V.

Cyclos ou grandes divisões historicas. — Edade média e Renascimento. — Preferencias da edade média.

(Continuado de pag. 56.)

953 Bem que rapidamente, tenho procurado fazer conhecer, quaes sejam os fundamentos da these que estabeleci — de que a decadencia da nação portugueza, começando apparentemente nos últimos annos do reinado de D. João III, principía essencialmente nos primeiros do reinado antecedente, ou com mais rigorosa data nas cortes d'Evora de 1482. Para vermos como debaixo da grandeza e brilho exterior d'esses dois reinados ía já lavrando a dissolução social, seria necessario saír do cyclo a que me-pareceu deverem limitar-se estas cartas, isto é, do que propriamente se-póde chamar edade media portugueza.

Nas considerações que fiz n'esta rapida e necessaria digressão sobre o verdadeiro character do seculo decimo-sexto, está, mais que no respeito á chronologia, a razão para havermos de preferir o estudo da edade media ao do seculo das nossas glórias. No estudo da épocha, vulgarmente chamada do renascimento, nome que talvez só por antiphrase ou cruel escarneo lhe-conviria, fôra preciso fechar os olhos ao brilho de apparentes grandezas, e allumiar com o facho da história o corpo enfermo da sociedade portugueza, que appressava a sua hora de morrer com a febre das conquistas. Seria necessario vêl-o desmaiar e definhar-se esmagado debaixo do pêso da sua grandeza, e depois descer ao sepulchro carcomido pelo cancro da propria corrupção moral. Mais um motivo pessoal é esse para nos esquecermos d'elle. Para fartar de amarguras os corações que amam a terra da Patria, não é necessaria a história; sobra-nos a vida presente.

Mas a razão capital da preferencia que devemos dar ao estudo da edade media, está no que ha pouco ponderei ácerca dos fins objectivos da história. — Nem descobrimentos, nem conquistas, nem commercios estabelecidos pelo privilegio da espada, nem o luxo, e magestade de um imperio immenso, nos-podem ensinar hoje a sabedoria social. — Os instinctos maravilhosos de uma nação, que tende a constituir-se; as luctas dos diversos elementos politicos; as causas e effeitos do predominio e abatimento das differentes classes da sociedade; os vicios das instituições incompletas e incertas, que obrigaram não só nossos avós, mas toda a Europa, a deixar o progresso natural e logico da civilisação moderna para se-lançar na imitação necessaria, mas bastarda, da civilisação antiga; a existencia emfim intellectual, moral, e material da edade media é que póde dar proveitosas licções á sociedade presente, com a qual tem muitas e mui completas analogías.

Abstraiâmos, com effeito, da enorme distancia de civilisação que nos-separa d'esses tempos; abstraiâmos da quasi constante antinomia entre a vida civil da edade media, e a vida civil actual, e consideremol-as ambas unicamente nas suas tendencias politicas. Dizei-me, ¿não ha uma parecença notavel entre tão affastadas épochas? Imaginae um período da história do género humano, em que os diversos principios de govêrno se-combatessem sem cessar, buscando enfraquecer-se mutuamente, equilibrando-se por algum tempo, vencendo-se por fim uns aos outros, e achando brevemente na victoria a propria ruina. Imaginae um período em que as crenças politicas fossem convertidas em odios implacaveis, herdados muitas vezes de paes a filhos; em que as garantias sociaes estivessem muitas vezes nas leis e faltassem quasi sempre nos factos; em que cada uma das classes accusasse as outras de oppressoras, iniquas, violentas, quando subjugada, e fosse iniqua, oppressora, e violenta apenas obtivesse o poder; em que a espada do homem de guerra resolvesse frequentemente os problemas politicos, e em que ao mesmo tempo a superioridade intellectual do individuo tivesse commummente mais acção nas phases da sociedade que a auctoridade publica; em que se-junctassem no mesmo povo, na mesma classe, e até no mesmo homem, os extremos de nobres affectos e da corrupção e maldade mais torpes. Imaginae um período com estes characteres, e buscae-o depois na história. ¿Onde é que o encontraes? Na edade media. Mudae agora uma palavra; chamae ás classes partidos — e essa mudança será apenas de nome, porque os partidos representam os interesses

diversos das diversas classes sociaes — e dizei-me a que épocha vos-parece quadrarem taes characteres? Indubitavelmente á nossa. ¿ Porque taes coincidencias em tempos tão distantes? Examinemol-o; que em similhante exame acharemos mais um motivo para estudarmos com preferencia os quatro primeiros seculos da sociedade portugueza.

A. Herculano.

——— *(Continuar-se-ha.)*

THEATRO.

Rua-dos-Condes.

A ARTE — OS ARTISTAS — A OPERA CÓMICA — O SR. IBARRA — AS PROEZAS DE RICHELIEU — A CALUMNIA — EUGENIA.

(Continuado de pag. 57.)

954 *Narraverunt ut absconderent laqueos, et dixerunt: Quis videbit eos!*

O risonho da phrase, o folgasão e gracioso do stylo desfarçam os laços perniciosos. — Pensaram que assim os-occultariam. Enganaram-se.

As palavras de seda, como dizia aquella antiga rainha da Persia, encobrem mal a peçonha mortífera. Esse drama, ou comedia, ou o que quer que seja, perfumado por fóra e cangrenado por dentro, sua o vicio por todos os seus póros — repassa os vestidos enganosos — chega aos falsos recamos — ennegrece o oiropel, e em poucos momentos de grave e sizuda attenção, todo aquelle edificio tão polido, tão lusidio, tão brilhante, tão chistoso de si, tão elegante na forma, tão variado no aspecto, tão prasenteiro, tão sociavel, tão seductor, tão bordado e enfeitado, e aberto a todos os prazeres dos sentidos — todo esse pintado e repintado edificio desaba no pó — não ficam d'elle senão fragmentos rudes e disformes — algumas cinzas sem calor: despida a purpura ao esqueleto — a vida da sensualidade troca-se em horrenda morte para a alma.

Essas composições, mais que todas perigosas, existem essencialmente pela leviandade dos spectadores. Alimenta-as o riso — a anályse mata-as. Embora: que morram: não fazem falta.

O flagello do ridiculo é terrivel arma. A boa arte, a arte verdadeira, pudica nos gestos, casta nas fallas, compassiva, melindrosa, ingenua, delicada e affectuosa, como deve de ser quando ao spectador abre as portas de uma casa, e lhe-descobre um quadro de familia — esta arte ao mesmo passo amena e sevéra nunca, senão aos vicios dirige os seus golpes. — Zombar das íntimas dôres do coração, expôr a virtude vergonhosa aos apupos das turbas ébrias de sensualidade, apontar, ás gargalhadas, para qualquer infernalissima invenção de eterna infamia, escarnecer de todos os respeitos mundanos — ¡ isso não! Quem tal fez, mentiu á religião, mentiu á moral, mentiu a si — ¡ mentiu a Deus e á sociedade, que é mentir a tudo!

O atticismo não exclue a decencia. Se por desgraça o vicio é vulgar, ao menos lhe não façam alardear egoismo. O que muitas vezes no particular seduz e arrasta, em publico offende e envergonha. O pudor rejeita em voz alta o mesmo que a fragilidade procura ás escondidas. O chiste, a graça, a ligeireza e a zombaria, farão portanto cem vezes, mil vezes mais *effeito* fustigando vicios do que ludibriando virtudes, e mofando d'ellas.

Não dirêmos mais. — Guarde um pae com a vigilancia da sua honra a innocencia da filha mais presada, eduque-a na sanctissima ignorancia das devassidões mundanas, zele annos e annos, cuidadoso e preoccupado, o recato de sua casa, desvele-se incessantemente por esta flôr virginal, creada no seio paterno, como rara planta na sua estufa, cerque-a de cuidados, alegre-se com ella e faça d'essa alegria a consolação da sua velhice. — Uma só noite de theatro normal dá em terra com toda a laboriosa obra do seu amor — com o fructo de tão longas fadigas cae a flôr tão zelosamente guardada. Duas ou tres horas bastam para desvendar a donzellinha tímida; perdeu-se a inefavel vingindade de d'aquella alma angelical; nada ignora, nada lhe-é occulto. Entrou menina — saírá mulher.

Não fallâmos vagamente: ¿ o que n'este logar dizemos quem ha que o não tenha já visto?

Esposas, se quereis aprender a illudir vossos maridos; maridos, se quereis saber como se-despresa e se-abandona uma esposa digna; filhas, se desejaes conhecer o modo de enganar paes e mães; mancebos, se tendes ância de vos-amestrar nas artes da seducção e de penetrar os misterios da devassidão e da sensualidade, ide, ide, ahi ao theatro normal. Tudo aprendereis, ficareis sabendo tudo. Podéramos indicar-vos a pagina e a scena, se não temêramos de augmentar a fatal publicidade d'esses lupanares infames! O theatro normal vol-o ensinará, que as suas portas interiores estão abertas de par em par ao vicio florejante, e ás licções diabolicas, negramente consignadas n'esses dramas, n'essas comedias, n'essas filhas bastardas de uma arte adultera, *maelstron* de todos os nobres sentimentos, sumidoiro horrendo, de toda a innocencia, de toda a moral e de toda a virtude.

E não só a moral, não só a virtude, a religião e a innocencia padecem; não só áquem da scena o vicio arrebicado produz os seus effeitos corrosivos, tambem por entre os bastidores, além do palco, lavra o contagio. Não só se-arruina a arte — tambem os artistas se-arruinam!

J'aime tout ce que je fais parce que je ne fais que ce que j'aime! — Dizia o grande *Talma*.

Este dicto será o fundamento da nossa demonstração.

J. S. Mendes Leal Junior.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

955 Elrei da PRUSSIA, diz-se, que em se-recolhendo da sua viagem pela *Suissa*, onde é muito festejado, publicará uma lei de liberdade de imprensa, não absoluta, mas assás franca. Aguardemos o tempo: as promessas liberaes d'aquelle throno teem a sina de poucas vezes se-realisarem.

A AUSTRIA vai assentar seu tractado commercial com a *Inglaterra*. Já os fundamentos d'elle, segundo corre, foram approvados pelo principe de *Metternich*.

O governo inglez toma rigorosas providencias contra os cartistas, ou, para melhor dizer, contra os levantados pela fome. Muitos teem sido presos por denúncias, segundo se-affirma, de *tories*, que perfidamente se-haviam com elles

associado: vão ser processados como réos de alta traição. As tarifas das alfandegas da *America do Norte* são a pedra de escandalo da imprensa britannica; e não é sem razão; taes contradicções á industria ingleza, depois das que ella vai curtindo e amargando por tanta parte da Europa, não lhe-auguram grandes felicidades.

O anniversario da rainha de Hispanha trouxe perdão geral aos réos politicos da facção carlista.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

956 *Diario do Governo de 20 de Octubro.* — Ordem do exército n.º 48.

Idem de 21. — Decreto nomeando uma juncta para receber donativos com que se-edifique um monumento a SUA MAGESTADE IMPERIAL O SENHOR DUQUE DE BRAGANÇA. — Officio á mesma juncta, remettendo-lhe os desenhos que para o dicto monumento offerecêra Fortunato Lodi. — Portaria regulando materias de justiças.

Idem de 22. — Decreto em que S. M. determina, que o theatro novo se-denomine — Theatro Nacional de DONA MARIA SEGUNDA.

Idem de 24. — Venda de bens nacionaes no districto do *Porto*.

Idem de 26. — Annuncía a Juncta do Credito Publico, que a 9 de novembro principiará a pagar os juros das inscripções de 5 por cento.

OS PRINCIPES FRANCEZES.

957 O PRINCIPE DE JOINVILLE, e o DUQUE D'AUMALE, chegados em quatro dias de Brest a Lisboa, onde entraram no dia 20, teem sido devidamente festejados pela nossa Côrte, que lhes-offereceu por hospedagem os Reaes Paços de Belem. Apressam-se em ver todas as curiosidades da natureza e da arte, assim da cidade como dos arrabaldes; captivando por sua lhaneza a quantas pessoas com elles tratam.

D'aqui partirá o Principe de Joinville, para o Brazil, commandando a BELLE POULE, em que veio; — fragata para sempre celebre por haver sido a que trasladou do destêrro para a Patria o cadaver proscripto do Proscripto Imperador dos francezes — o Duque d'Aumale ir-se-ha, não para Madrid, onde se-crêra que o amor o-chamava; mas para Argel, d'onde o-está chamando a gloria; porque o outono em que estamos vai ser assignalado, segundo se-diz, por uma rija campanha com os arabes do deserto.

MINA DE AZOUGUE.

958 Um ingenheiro francez, que veio a Portugal com o exercito invasor, descobriu n'esse tempo em Coina uma mina de azougue, de facil fabríco e abundante colheita, de que os seus houveram não pequeno lucro. Restaurado o reino, não só se-desamparou, senão que se-tapou a mina — peccavamos então por excesso de *portuguezía,* como hoje peccamos por excesso de *francezía*; hoje não queremos o bom se é de nossa casa, então o-repelliamos senão era d'ella. — Outros francezes, que leram um opusculo inédito, que o dicto ingenheiro, seu patricio, deixára escripto ácerca da mina de Coina em Portugal, com as confrontações e designação clara do sitio, abalaram-se de sua terra, cubiçosos de vir negociar a achada. Afforaram, em corpo de sociedade com os Srs. Luiz de Castro Guimarães, Luccotte, Duarte Cardoso de Sá, e Conde de Farrobo, o terreno, que era baldío, e pertencia ao municipio.

Metteram-se as enxadas ao sólo, e para logo se-deu com o thesoiro. O mercurio vem misturado com arêa, mas em grande cópia. — Tem-se gasto na obra tres contos de réis; e quatro tem já produzido o mineral. — É esta uma noticia, que tem de agradar aos que sabem que o azougue é metal de valia por não ser dos em que mais abunda a natureza; e tanto que segundo os calculos o que por anno se-extrae de todo o globo anda por 68,000 quintaes de pêso e oito mil e seiscentos contos pouco mais ou menos de valor.

A PONTE NOVA DO DOIRO.

959 Sabbado 15 se-inaugurou e estreou a ponte pensil, que atravessa o Doiro diante do Porto. Foi um bello spectaculo; concorreu toda a povoação da cidade e suas cercanías. O tempo, que estava aprasivel, consentiu que as damas afformoseassem a scena girando em grande numero e vistosamente adornadas pelo novo caminho suspenso sobre a torrente arrebatada, e por uma e outra margem do rio. Por entre o estrondo de infinidade de girandolas o mestre da obra teve a satisfação de ouvir o seu nome, repetido em vivas que se-estendiam até muito longe por aquellas ribas alcantiladas.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA.

960 Sabemos que a juncta pelo governo incumbida de apparelhar um plano de instrucção publica, trabalha com grande efficacia em se-desempenhar de tão nobre e difficil encargo. Assim havia de ser. Esta juncta, ou commissão externa, segundo lhe-chamam, é composta dos Srs. Faro e Noronha, lente da Universidade — Cordeiro Feio e J. M. Grande, lentes da Eschola Polythechnica — Par do Reino, Margiochi — Conego, Freire de Carvalho — e Tavares de Macedo.

Os fundamentos das duas instrucções estão quasi acabados de discutir. A seu tempo, quando o governo os adoptar, os examinaremos como requer a relevancia do assumpto. Por agora só nos-cabe dizer, que nos pontos capitaes nos-parece ir-se fazendo obra de muito acêrto. O ler, escrever, contar, civilidade, religião, e alguma luz de historia ficarão accessiveis a todos em toda a parte do reino. Em cada provincia haverá as escholas de agricultura e industria, que mais accommodadas se-julgarem á natureza do sólo, e dos ares, á topographia, aos costumes e mais circumstancias attendiveis. Os professores para estas escholas virão, com o andar do tempo, a saír todos de um viveiro, ou eschola normal de Lisboa; — e tão acertadamente foram todas as partes combinadas que a despeza feita com o ensino não excederá á que hoje, em dia, se-está fazendo.

A FARÇA DEPOIS DA TRAGEDIA.

961 A casa, que servíra de theatro á tenebrosa tragedia de *Mattos Lobo*, parecia condemnada a permanecer muitos annos sem moradores. O terror, que ella inspirava, era uma preoccupação; mas poucas almas, até das mais despreoccupadas se-eximiriam de o-sentir.

Comtudo as portas e janellas d'esta casa haviam-se emfim aberto novamente; — uma familia de marido e mulher quebrára o encantamento. — Em

uma das noites da semana passada haviam-se estes recolhido á sua camara, depois de bem fechadas, segundo o seu costume, todas as janellas e portas. A sua ultima conversação antes de adormecer versára, segundo tambem seu costume, sobre o espantoso acontecimento, que déra áquelles sitios uma tão horrenda celebridade. Os spectros das quatro victimas se-lhes-vieram apresentar por entre os confusos nevoeiros do crepusculo do somno, prophetisando-lhes mudamente o que quer que fosse de sinistro; — entretanto adormeceram. Toda a casa jazia em trévas, e silencio. Batia uma hora em S. Paulo. Accorda a esposa sobresaltada ao repentino estrondo de uma quéda, immediatamente seguido de gemidos abafados. Chama pelo marido; procura-o no leito; não o-encontra: salta desatinadamente ao chão; dá com um corpo a revolver-se angustiadamente; mas que o instincto do amor lhe-annuncia ser o mesmo que procura. Aperta-o entre seus braços convulsos, e o-restitue de súbito á vida. Elle a-repelle com furia; ella, crendo-se entre as mãos de um assassino, foge; na escuridão um e outro se-encontram, se-evitam, se-repulsam, até que reconhecendo-se por algumas palavras, e accendendo luz, descobrem — que um pesadêllo, que á mesma hora os-opprimíra a ambos, representando a cadaum o assassinamento do outro, fôra a unica origem de todo o tumulto.

O QUE É UMA BOA ADMINISTRAÇÃO.

962 Entre tantas relações de crimes, consola-nos poder citar um exemplo formoso de honra e probidade administrativa.

Se nunca em nenhum seculo a *philantropia* andou tão pregoada como n'este nosso, nunca tambem foi ella mais *palavra* e menos *coisa*. Era d'antes rara por ser honesta senhora, recatada e de bom juizo: hoje anda a tombos, porque se-fez namoradeira e presumida. Era um milagre vêl-a n'outro tempo; que lá pelo fundo dos hospicios, dos eremiterios e dos claustros se-andava ella mui recolhida e modesta: agora é já outra. Não ha imprensa de que se não debruce, nem balcão a que se não encoste, nem canto de rua ou de jornal aonde nos não appareça tão garrida e taful, que é um louvar a Deus. Philantropos ha os innumeraveis.... em theoria.

Na prática é outra coisa: são menos vulgares. E porque assim é, não deixaremos nós agora passar por alto um exemplo. De bens e males está semeado o mundo. Para compôr uma bôa licção de moralidade, é forçoso matisar o bem com o mal, e por certo que não é este um dos somenos deveres do escriptor.

Sabida é geralmente a charidade praticada no hospital de S. José, e por todos tambem reconhecida a utilidade e vantagens, que de tal ou taes estabelecimentos resultam para os enfermos e para a sciencia. O que, porém, nem todos saberão, é o zelo e diligencia que nos ultimos mezes tem desinvolvido a sua verdadeiramente *philantropica* administração, poderosa e valiosamente auxiliada pelo digno official maior da contadoria o sr. *Antonio Candido Pereira da Cunha*, que actualmente dirige a contadoria no impedimento do contador. Ha muito que ninguem discordava ácerca da probidade e bondade d'este honradissimo e dignissimo empregado. Mas o que nem a todos tinha chegado, era a superior intelligencia que tem manifestado e vai manifestando na gerencia da sua repartição. É ella a vida e alma do estabelecimento — isto é — aviventa suas finanças. Para prova da sua boa administração bastará saber-se, que tendo padecido o hospital de S. José consideraveis atrasos, seguidos de todos os inconvenientes que estes males pecuniarios sempre e em toda a parte accarretam, ao presente, em pouco mais de tres mezes, não só se-conseguiu regular os pagamentos, pondo-os em dia, mas ainda se-logrou pagar quatro mezes por conta dos atrasados, achando-se por este modo os empregados todos satisfeitos e contentes, os crédores desassombrados, e o serviço no melhor pé. As rendas são as mesmas. Todos estes milagres são fructo de uma sábia economia, da conveniente arrecadação e destribuição, e do zelo e intelligencia no trabalho.

Muito mais podéramos dizer, e mais diremos ainda, quando de espaço tractarmos d'este utilissimo e christianissimo estabelecimento.

J. S. Mendes Leal Junior.

O THEATRO DO ROCIO.

963 Um papel revoltoso, e altamente incendiario acaba de publicar-se. Este papel escripto pelo Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão, versa sobre a edificação do novo Theatro da praça de Camões: o seu fim é a condemnação do desenho de não sabemos qual architecto estrangeiro, encarregado de levantar aquelle monumento portuguez, consagrado ao drama portuguez, e destinado para honesto recreio dos que intendem e fallam esta nossa lingua portugueza.

Revoltoso, e incendiario, dissémos nós era esse papel — e dissémos bem: porque na evidencia com que ahi se demonstra o despreso das conveniencias sociaes, a inepcia, e ignorancia que presidiram á feitura de similhante traça ha um convocar para a revolta; ha um accender de cholera immensa em todos os corações que respeitam as leis, o throno, a arte, o senso commum e as coisas patrias; porque tudo isso é escarnecido, apupado, e enxovalhado a troco da modica somma de septenta contos de réis que ha-de custar a execução d'aquelle maravilhoso monumento.

Se as premissas dos argumentos do Sr. Visconde são exactas — e para nós é impossivel acreditar que um homem respeitavel como S. Ex.ª é, andasse de leve em tão grave materia — o montão de pedras, traves, e argamassa, que vai pejar como um lobinho asqueroso a fronte do formoso bairro, alevantado d'entre ruinas pelo genio do Marquez de Pombal, é uma affronta mais para esta pobre nação, a quem parece alludia, ha tres mil annos, o propheta quando fallava das donzellas de Babilonia, que, chamando quantos estrangeiros passavam, lhes-diziam: vinde polluir-nos e deshonrar-nos.

N'este negocio da edificação do theatro portuguez já de muito nós previamos qual seria o desfecho do drama. A coisa começára por um absurdo: devia acabar por outro.

Os architectos portuguezes tinham sido chamados

a concurso: cinco ou seis desenhos appareceram: acharam-se defeitos em todos: em alguns eram estes, segundo ouvimos, remediaveis. ¿E quem sabe se existiam? ¿A Commissão encarregada de os-afferir e julgar pelas doutrinas de Vauban, d'Antoni e de Carnot ácerca da construcção de theatros, convidou seus auctores a emendarem-nos? Não! — Despresou-os todos! ¿Pediria isto a justiça, a boa razão, a nacionalidade? Talvez! O Sr. Visconde promette dar-nos a chave d'esse mysterio. Que o faça. Miseria ou torpesa, que importa? Ha muito, que o formoso sol da nossa terra allumia nos soalheiros da praça publica mil façanhas de um e d'outro genero. Venha mais esse mendigo catar-se á réstea do meio-dia.

Depois appareceu quem construisse o theatro. Nascêra em outros climas. Cortezes somos nós. Dispensou-se para com elle a severidade gasta com os artistas portuguezes. Disse-se a Vauban, a Antoni, a Carnot: «tractae de bastiões, esplanadas e fossos; deixae a arte que é de Deus e do genio.» Fez-se-lhe mais: não se chamaram para julgar a sua obra os cultores da architectura, d'essa poesia do marmore, que só busca nas prescripções da sciencia o mesmo que a poesia verbal procura nas regras dos grammaticos — as condições da arte na sua incarnação terrena. N'isto não houve favor. Era o que se fizera, com tacto finissimo, para avaliar os desenhos portuguezes. Livre o genio atirou-se pelo mundo da idealidade. O theatro da Gloria saiu-lhe do cerebro perfeito, brilhante, original como o-descreve o Sr. Visconde; magestoso como os barracões do Rocio de secular futuro. Teremos um theatro democratico onde a Rainha de Portugal deverá atravessar por meio das turbas, e ir par a par com os vendilhões d'alfélua e de figuras de gêsso: um theatro romantico, onde nos poderemos asphyxiar por atacado: um theatro religioso como o reverendissimo Torquemada, porque morrerão ahi assados, inquisitorialmente, actores, serventes, contraregra e ponto no primeiro incendio: um theatro á feição de abobora carneira creada d'alto, onde os que só virem de um olho não sentirão a falta do outro; e os surdos não amaldiçoarão o ventre, que os gerou, e os peitos que os amamentaram, porque os comicos poderão fallar turco, sem perigo de pateada. Teremos emfim um theatro Quasimodo: um Quasimodo de pedra e cal; e todos sabem que Quasimodo — é uma das mais profundas concepções do rei dos lyricos francezes.

¿Mas ser-nos-ha licito gracejar quando se tracta de similhante materia? ¿quando se tracta de uma edificação, que importa á civilisação, á arte, ao pudor nacional? — ¿de uma edificação para a qual se destinam septenta contos de réis de que fica privado o nosso mendigo thesouro, e que estragados uma vez não haverá meio algum de resarcir? — É necessario que a imprensa periodica tracte grave e severamente este negocio: é necessario que falle alto ás auctoridades prepostas a tal objecto, á opinião publica, a tudo, e a todos. Não é esta, ainda que a muitos o pareça, uma questão d'interesse local: é questão de todo o paiz. Lisboa é a cabeça do reino, resume a intelligencia e a civilisação da nossa terra. Quando um estrangeiro chega á capital da monarchia, e pergunta onde é o theatro portuguez, com as faces tinctas de rubor e com os olhos no chão, guiâmol-o ao pardieiro da taberna normal da rua-dos-condes: e elle mede por ahi o nosso progresso litterario e artistico. Isto devia cessar até certo ponto com a construcção de um theatro decente. ¿E poderá a nação consentir tranquillamente em despender septenta contos de réis para continuar a ser afferida aos olhos de estranhos por um typo de opprobrio?

Esta geração tem assolado os monumentos da arte e da historia: duro será por tal causa o juizo a que a posteridade a-chamára para a-condemnar como selvagem e estupida. Mas se a esse doloroso processo se ajunctar a grande sandice de pedra, o theatro Quasimodo: se alguem disser, que achámos essa obra prima de tupinambas preferivel aos desenhos dos architectos nacionaes, ¿que idéa farão de nós os vindoiros? ¿que sentença passará em julgado ácerca da nossa intellectualidade? — Que o pensem os outros, como nós o pensamos, sem ousarmos dizel-o, porque ha coisas que queimam os labios d'aquelles que tentam proferi-las.

Repetimol-o. — ¿Será possivel que o povo, a imprensa, e o governo consintam isto? — Não queremos, nem podemos admittil-o. Eis porque a principio dissemos — que o papel do Sr. Visconde de Villarinho era revoltoso e incendiario.

A. Herculano.

UM MONUMENTO. . . . . . VEREMOS DE QUE ! ! ! ! ! !

964 Lembrou emfim depois de oito annos consagrar a D. PEDRO um monumento na praça de seu nome — em frente do theatro, que pelo menos terá de portuguez o nome de SUA AUGUSTA FILHA. Para superintender na obra foi deputada uma juncta composta dos Srs. Marquez do Fayal, Conde de Farrobo, Visconde do Porto Covo de Bandeira, José da Silva Carvalho, Polycarpo José Machado, o Governador Civil de Lisboa, José Bento de Araujo, e presidida pelo Sr. Duque de Palmella. A esta juncta pertence promover donativos para os gastos da edificação, e propôr á approvação do governo o desenho, que pretender executar, e a eleição do sitio, se algum outro lhe parecer mais accommodado. ¡Mas, quem accreditaria que até em coisa de tão estreme gloria se nos haveria de introduzir vergonha, e mais que vergonha, escandalo e abominação! — Engana-se ao Governo; abusa-se impudentemente de sua boa fé; inculca-se-lhe como architecto portuguez um architecto estrangeiro; e um risco do Sr. Lodi, italiano, baixa por consequencia recommendado do throno da Rainha á meza da juncta, para, segundo elle, se parecer bem, se-lavrar o marmore, em que as gerações, descobrindo a fronte ao passar, adorarão o nome do Libertador. — Protestamos em como o THRONO e os seus Ministros foram necessariamente innocentes d'este réo pensamento, o mais desnacional e antinacional de quantos tem abortado em nosso tempo; nem a FILHA DE D. PEDRO, nem os Ministros da FILHA DE D. PEDRO, e ainda ha pouco soldados seus, podiam querer que a tão portuguezas Cinzas, e tão heroicas, se-fizesse o mais covarde, o mais cruel, o mais inutil desacato. — A affronta ao homem vivo póde ser vingada ou perdoada, ¡mas a bofetada no cadaver, que já não póde senão estremecer sobre

suas tantas corôas, e suspirar um suspiro só ouvido de poucas almas........ profanação! ¡ profanação! ¡ demencia, e sacrilegio! — Resôe a nossoa voz sob as abobadas dos Paços Reaes, ainda saudosos do REI SOLDADO, do REI LEGISLADOR, do REI HOMEM, do que pôz seu descanço e vida pela vida, pelo descanço, pela gloria de quanto era, ou se-chamava, portuguez; ecchôe por lá o nosso grito de subdito e portuguez leal: « foi lançada uma atroz mentira nos ouvidos da Magestade, para que dos seus labios filiaes e piedosos saísse uma palavra, a que os inimigos podessem chamar ingrata e nescia. » Este risco de mãos forasteiras, temos, e devemos ter fé, em que o mesmo Governo, agora sabedor da traição, o-mandará restituir de repente ao seu auctor, louvando-lhe, agradecendo-lhe a boa vontade, o zêlo, e a devoção, que o-abalançaram até ao temerario, ao defeso, ao impossivel.

O monumento de D. PEDRO é nosso, só nosso, e todo nosso — é para nós, só para nós, e todo para nós. — Só architectos portuguezes o-hão-de riscar, — só braços portuguezes e em pedreiras portuguezas hão-de arrancar o marmore; lavral-o e pulil-o com os ferros das nossas minas; trazel-o em carros creados nos nossos montes, — mãos portuguezas o-hão-de assentar, depois que a mão da RAINHA de Portugal lhe-lançar no alicerce o primeiro canto — e a voz que dirigir a obra ha-de se-exprimir nos sons varonís, que fallava Camões, e não nas melliflúas toadas de *il pastor Fido*, ou de *il congresso de Cithera*. ¿ Qual sería o filho d'esta boa terra, que hoje, depois de passada ha treze seculos a dominação romana, consentisse em que um romano viesse levantar um monumento, aqui, no meio da nossa capital? ¿ Qual será a bolsa que requerida para concorrer para ahi com o seu dinheiro se não feche com generosa indignação? O monumento de D. PEDRO — responderão todos — lá está completo e indestructivel na historia: esse sim que o-riscou elle, e ajudámos nós a edifical-o, — se quereis assentar-lhe ao pé outro de vergonha sua e nossa, fazei-o; mas não nos-convideis para vossos cumplices, porque em os francezes, os inglezes, os allemães, os barbaros, e até os italianos, passando por ahi a rir da nossa emprestada architectura, queremos nós protestar contra o escarneo, e dizer-lhes cuja foi a traição e a covardia.

Chamai os architectos portuguezes vereis como esquecem a offensa, ainda tão recente; como se-apressam para este concurso glorioso; e como consagrando um padrão ao seu Principe, consagram ao mesmo tempo outro á gloria de si mesmos, e ás bellas-artes nacionaes. — ¿ Não terão elles mãos e alma só porque são portuguezes? — Ainda que assim fosse, mais valêra uma só pedra de cabeceira posta a D. PEDRO, como a soldado raso, por um filho d'este povo a quem elle redemiu, do que o tumulo de Trajano, a columna de Vendome, ou a pyramide grande de Memphis feita e colocada por um estranho! ¿ Não dederam já ahi al signor Lódi a feitura do theatro novo, monumento da nossa Rainha? — da nossa Rainha .... sim, que não da sua? Arremataria elle a edificação de todos os nossos monumentos? — Não o-conhecemos; não o-guerreamos: ¿ e para que?.... Seja academico de merito; edifique pontes suspensas, e estufas — e não sabemos que mais prodigios tão pregoados e blasonados em algum jornal...... portuguez!

Deem-lhe quanto se-achar justo ou approuver — direcção de obras, magisterios, rendas, condecorações, titulos, tudo; levantem-lhe até estatuas e agulhas — mas — ¡ em nome de Deus! — que não ponha mão no monumento de D. PEDRO, nem em representação alguma da nossa gloria. Que o-desmaginem d'essa tentação diabolica se a-tiver; — se a-procurar levar a effeito, que o-repulsem. Que o-repulsem como os seus patricios repulsariam ao proprio architecto da Batalha se-ressuscitasse, e fosse offerecer-se em Roma a edificar outra egual maravilha em honra de um principe italiano, que houvesse libertado a sua patria!!!!

....

Um pintor allemão, andando-se a tirar cópia do Coliseu, sentiu-se accommettido da mais vil de todas as necessidades naturaes. Largou á pressa em terra pasta e palhêta, chapéu e bengala, e poz-se a profanar o mesmo venerandissimo edificio, de cujo assombro andava cheio. Uma enorme pedra, como que indignada da profanação, solta-se do alto, d'onde contemplára impassivel opprobrios de dois mil annos, e descendo como um corisco, esmaga — ¿ ao artista sacrilego? — não! — a pasta e palhêta, que juncto d'elle jaziam.

BIBLIOGRAPHIA.

FRANCEZA.

965 Etudes sur les idées et sur leur union au sein du catholicisme; par *L. V. D. F.*

Galerie des Contemporains illustres par un homme de rien. 120 cadernos com retratos.

Atlas Historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des arts. D'aprés la méthode et sur le plan de l'Atlas de A. Lesage (comte de Las Cases), et propre à former le complement de cet ouvrage par *Jarri de Mancy*.

Bibliothèque asiatique et africaine, ou catalogue des ouvrages relatifs à l'Asie et à l'Afrique qui ont paru depuis la découverte de l'imprimerie jusqu'en 1700; par *H. Ternaux Compans*.

Panthéon Littéraire. Les vieux conteurs français, par *P. L. Jacob Bibliophile*.

Reponse aux partisans de l'abolition de la peine de mort, suivie de réflexions sur l'abus anti-social que l'on fait des circonstances attenuantes en matières criminelle; par *J. B. Hubert*.

O 16 volume da collecção dos classicos Latinos, com a traducção franceza; *por Nisard*. Contém Petronio, Apuleo, Aulu-Gelio.

Théatre de M. Eugène Scribe (estão já impressos vinte e quatro vol.)

Histoire Maritime de France depuis les temps anciens jusqu'à nos jours, par *Léon Guerin*.

Le Prince royal, par *Jules Janin*. — É a historia completa do fallecido Duque d'Orleans.

Un million de faits aide-mémoire universel des sciences, des arts et des lettres, par *M. M. J. Aicard, Desportes, Paul, Gervais, Léon Lalanne, Ludovic Lalanne, Auguste Le Pileur, Charles Verge, et Young*.

Esta obra, unica no seu genero, contém a materia de 15 grossos volumes em 8.º e será uma verdadeira bibliotheca portatil.

Panthéon litteraire.

Bibliothèque d'élite.

Bibliothèque des connaissances utiles.

Les petites misères de la vie humaine, par *Old Nick et Grandville*.

Trois ans de promenade en Europe et en Asie, par *Stanislas Bellanger*.

L'Artiste, Journal de la littérature et des beaux-arts.

Examen de la Phrénologie, par *M. Flourens*.